

Textos

Elmar Luiz Floss

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/11/2013

Título : Academia Passo-Fundense de Letras comemora 75 anos

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 7 de abril de 2013, a Academia Passo-Fundense de Letras-APL comemorou 75 anos de existência.

ELMAR LUIZ FLOSS

No dia 7 de abril de 2013, a Academia Passo-Fundense de Letras-APL comemorou 75 anos de existência. Por iniciativa de Sante Uberto Barbieri, pastor da Igreja Metodista, e com apoio do prefeito de Passo Fundo Arthur Ferreira Filho, foi criado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, no dia 7 de abril de 1938. No dia 31 de maio de 1915, o Clube Pinheiro Machado escriturava um terreno comprado de Herculano Trindade, na atual Avenida Brasil, entre as hoje ruas Teixeira Soares e Quinze de Novembro. Em 1912, inaugurava o prédio sede. No frontispício figura ainda hoje esta inscrição: MCMXII. Atualmente o prédio é tombado e faz parte do Patrimônio Histórico do Município. Na fachada, uma das mais bonitas da cidade, está a porta mais alta do Rio Grande do Sul.

Em 13 de maio de 1960 é sugerida a transformação do Grêmio Passo-Fundense de Letras em Academia Passo-Fundense de Letras, sendo instalada solenemente em 7 de abril de 1961, durante a posse do presidente Celso da Cunha Fiori.

Oficialmente, o Jubileu foi comemorado solenemente no dia 26 de abril de 2013, no Clube Comercial. Na oportunidade foi feito o pré-lançamento do livro dos "75 anos da APLetras de Passo Fundo". Na obra é descrita a história da Academia, seus ex-membros e atuais, ex-presidentes, uma linha do tempo com os fatos

históricos mais importantes desse período e a biografia dos acadêmicos atuais e respectivos patronos.

Atualmente, a APLetras é presidida pelo Dr. Osvandré Lech tendo como vice-presidente o acadêmico Gilberto Cunha e como Secretário Geral Paulo Monteiro.

Presença marcante da APL

Ao examinar a linha do tempo da APL, elaborada pelos confrades Paulo Monteiro, Gilberto Cunha, Welci Nascimento e Osvandré Lech, observa-se o quanto é marcante a sua participação na comunidade Passo-fundense. Muitos líderes políticos, culturais, cientistas, professores escritores fizeram parte da APL. Por isso, além do objetivo primeiro da APL de celebrar as letras, tem uma participação importante em muitas discussões de temas relevantes para o desenvolvimento de nossa cidade.

Pode-se destacar, por exemplo, um telegrama enviado em 17 de agosto de 1951, ao então Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas, propondo a criação da Universidade de Passo Fundo.

Em 24 de março de 1952, liderado pelo acadêmico Antônio Donin é fundado o CTG Lalau Miranda, dando início ao movimento tradicionalista em Passo Fundo. Em 01 de agosto de 1952, a APL apóia a criação da Escola de Belas Artes em Passo Fundo, e, em 15 de abril de 1954, a fundação do Museu Histórico de Passo Fundo. Em 25 de julho de 1972, é instalada na APL a diretoria da Sociedade Pró-Parque Turístico de Passo Fundo, hoje conhecida como Roselândia, tendo como presidente Eronilde Ribeiro e vice-presidente Fernando Machado Carrion.

APL incentiva a literatura e escritores

Através de várias iniciativas, ao longo do tempo, a APL incentivou a formação de novos escritores em Passo Fundo. Uma dessas iniciativas importantes foi a criação da Revista Água na Fonte, em 11 de dezembro de 2003, com textos escritos por acadêmicos e outros membros da comunidade. Muitas obras literárias foram lançadas na sede da APL e divulgadas, como o livro “150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo”, organizado por Osvandré Lech, durante as festividades do Sesquicentenário de Passo Fundo. Também merecem destaque os Concursos Literários, estimulando estudantes a escrever e cujos textos são publicados em livro e a Semana das Letras, em duas edições. Em parceria com a Câmara Municipal de Vereadores é apresentado, desde 2007, o programa Literatura Local pelo acadêmico Paulo Monteiro, através da TV Câmara.

O ex-presidente da APL, Meirelles Duarte, em 2007, e o acadêmico Gilberto Cunha, em 2011, foram os patronos da tradicional Feira do Livro de Passo Fundo, uma das maiores do Rio Grande do Sul.

Uma linda história que merece ser efusivamente festejada. A APL, e por extensão Passo Fundo, estão de parabéns.

(Elmar Luiz Floss é Eng.- Agr., Licenciado em Ciências, Dr. em Agronomia e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2012

Título : Agricultura brasileira, de Getúlio a Dilma

Categoria: Artigos

Descrição: Ultimamente, começam a aparecer ensaios, com a finalidade de mostrar a evolução e a importância do agronegócio brasileiro, nos últimos anos.

ELMAR LUIZ FLOSS

Ultimamente, começam a aparecer ensaios, com a finalidade de mostrar a evolução e a importância do agronegócio brasileiro, nos últimos anos. Comemora-se os 60 anos da morte de Getúlio Vargas, e as principais realizações de seu longo governo ditatorial, já que, em 1930, quando assumiu o poder, a população brasileira era predominantemente rural (83%). Produzia alimentos para si e para outros 17% da população, que vivia nas cidades. O Brasil tinha no café a grande cultura econômica e geradora de divisas.

Mas importava alimentos básicos, até mesmo seus pratos típicos. O arroz (da Ásia) o feijão (do México, América Central e até mesmo dos Estados Unidos), além do trigo (dos EUA e Canadá) e leite (da Europa), dentre outros. Teve até que mandar queimar milhões de sacas de café, para melhorar os preços no mercado internacional. E, no final de seu governo, surgiu a ferrugem do café, que dizimou as cafezais da Bahia, do Rio de Janeiro e parte de São Paulo.

Além das inúmeras iniciativas na área social, Getúlio Vargas é lembrado pelo início da industrialização no Brasil. Além do populismo, carregava também o forte discurso nacionalista. Mas o Brasil não tinha tecnologia e equipamentos. Na verdade, transferiu indústrias têxteis e mecânicas de sua matriz para o Brasil. Um custo elevadíssimo e o início do histórico endividamento brasileiro. Então, preocupado com a crescente importação de alimentos, criou inúmeras Estações de Pesquisa Agropecuária pelo Brasil. No RS, a principal missão era desenvolver o cultivo do trigo.

Depois veio o governo de Juscelino Kubistchek de Oliveira. O mineiro que não se conformava com que apenas o café sustentasse a economia brasileira. Seu projeto de governo era “avançar 50 anos em cinco”. Investiu na industrialização mas viu que dependia do desenvolvimento tecnológico. Por isso incentivou a criação de Universidades, e criou o Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPQ). Forneceu bolsas de pesquisa, para que brasileiros fossem cursar pós-graduação no exterior. Pôs em prática o projeto de transferência da Capital Federal, do Rio de Janeiro, para o Centro-Oeste, construindo Brasília.

O Brasil não poderia continuar sendo somente litorâneo, dando as costas para seu interior. Certamente, se Brasília não fosse construída, não teríamos tido o desenvolvimento tão pujante do Agronegócio, no Centro-Oeste brasileiro, e até mesmo no Norte e Nordeste. Já se fala que essa é a segunda “Revolução verde” da humanidade.

Até a década de 70, a situação da segurança alimentar não se resolveu. Com a industrialização, aumentava cada vez mais a população urbana, e havia cada vez menos produtores de alimentos. O Brasil se tornava um dos maiores importadores nessa área. No final da década de 60, o então Ministro da Agricultura, o gaúcho e Eng. Agr. Luiz Fernando Cirne Lima, decidiu por uma

reformulação da pesquisa agropecuária brasileira, que era inoperante. Propôs a criação da Embrapa.

Mas, infelizmente, poucas semanas depois, desentendeu-se com a área econômica e renunciou ao cargo. Em 1974, o Ministro da Agricultura, Eng. Agr. Alysson Paulinelli, retomou o projeto e implantou a Embrapa, como instituição pública de coordenação da política nacional em pesquisa agropecuária. Era outro mineiro inconformado com o fato de que, praticamente, o café financiava as importações de alimentos básicos, em quantidade crescente, pelo aumento da população urbana. Ao longo dos anos, milhares de pesquisadores foram treinados no exterior, para trazer as mais modernas tecnologias agropecuárias ao Brasil. Além da pesquisa na Embrapa, houve um desenvolvimento da pesquisa em Universidades, em função dos cursos de mestrado e doutorado. Grandes empresas privadas de pesquisa foram criadas no Brasil ou vieram do exterior, especialmente depois de aprovada (com atraso) a Lei de Proteção de Cultivares.

Hoje, as empresas privadas dominam o mercado genético nas grandes culturas, contribuindo, significativamente, com o aumento do rendimento das culturas, a difusão de tecnologias de manejo e desenvolvimento de máquinas, equipamentos e insumos. Aliada a outras políticas de crédito rural e infraestrutura, a produção brasileira de grãos começa a aumentar.

Dos anos 1960 até 2012, o agronegócio passou por várias revoluções tecnológicas. Destaque-se o melhoramento genético (criando novos cultivares de maior potencial de rendimento, e adaptados às diferentes regiões fisiográficas); a calagem, que transformou solos ácidos em solos altamente produtivos); a implantação do sistema plantio-direto (redução da erosão, do gasto de óleo diesel, de máquinas, equipamentos e mão-de-obra, de melhoria das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo, uma prática verdadeiramente conservacionista); a maior eficiência no controle de pragas, moléstias e plantas daninhas; a utilização de cultivares transgênicos (a biotecnologia na agricultura); e, atualmente, a agricultura de precisão (a nanotecnologia eletrônica e biológica, na agricultura). Essas “revoluções tecnológicas” garantiram um aumento extraordinário na produção de alimentos, beneficiando os produtores e a população urbana de consumidores.

Em 2012, apenas 17% produz alimentos para si e para mais 83% da população urbana, e com crescentes excedentes exportáveis. Em 1980, a produção brasileira de grãos era de 51 milhões; e na safra de 2011 chegou a 168 milhões de t, um crescimento de 329%. O mesmo aconteceu com a produção de carnes (bovina, suína e de frangos) e de leite.

De importador, o Brasil passou a ser um dos maiores exportadores de alimentos, de origem vegetal e animal. Enquanto, em 2011, a balança comercial brasileira de produtos industrializados foi 72 bilhões negativa, o agronegócio gerou um superávit de 77 bilhões. Essas divisas equilibraram a balança comercial e contribuíram para o controle da inflação, causando estabilidade econômica e política ao país.

Até a década de 90, cerca de 40-50% da renda dos trabalhadores estava comprometida com a aquisição de alimentos. Com o aumento do poder aquisitivo, em função do bem sucedido plano real, que controlou a inflação, além da produção abundante e barata de alimentos, o trabalhador hoje não compromete mais que 20% da sua renda com alimentação.

Sobra dinheiro para a aquisição de eletrodomésticos, de celular, de carro, de moradia, para o lazer e outros benefícios, que impulsionaram a economia brasileira.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Altos rendimentos, da calagem à nanotecnologia

Categoria: Artigos

Descrição: A agricultura, no sul do Brasil, experimentou grandes mudanças nos últimos 50 anos, especialmente quanto ao aumento no rendimento das culturas, e à melhoria da qualidade do grão colhido.

ELMAR LUIZ FLOSS

A agricultura, no sul do Brasil, experimentou grandes mudanças nos últimos 50 anos, especialmente quanto ao aumento no rendimento das culturas, e à melhoria da qualidade do grão colhido. Usando o Rio Grande do Sul para exemplificar, ao comparar-se as safras 1977/78 com 2010/11, houve um aumento no rendimento médio, para a soja, de 1.246 kg/ha para 2845 kg/ha (+ 228%); para o trigo, de 453 kg/ha para 2490 kg/há (+550%); para o milho, de 1320 kg/ ha para 5.255 kg/ha (+ 398%); para a aveia-branca, de 837 kg/ha para 2300 kg/ha (+275%); para o arroz, de 3719 kg/ha para 7600 kg/ha (+ 204%) e para o feijão, de 671 kg/ha para 1341 kg/há (+199%). Graças ao desenvolvimento de tecnologias e sua difusão, mas especialmente, pela adoção das mesmas pelos produtores, tivemos aumentos crescentes no rendimento. É o resultado da interação dos fatores genéticos, ambientais, de manejo e fisiológicos.

Mesmo quando estamos passando por uma grave estiagem, temos que reconhecer que as condições climáticas apresentam instabilidade histórica. Então, o aumento do rendimento deve-se às diferentes “revoluções tecnológicas”, como a calagem, o melhoramento genético, a implementação do sistema de plantio direto, o controle mais eficiente de plantas daninhas, pragas e moléstias, a introdução de cultivares transgênicos (biotecnologia na agricultura) e, atualmente, a era da agricultura de precisão, com significativa participação da nanotecnologia.

A primeira grande “revolução” iniciou em meados da década de 60, quando, através da calagem, os solos ácidos, com excesso de alumínio e baixa disponibilidade de nutrientes, foram transformados em solos altamente produtivos. A calagem reduz a disponibilidade de elementos tóxicos no solo (alumínio e manganês), e aumenta a disponibilidade de vários nutrientes (nitrogênio, fósforo, cálcio, magnésio, enxofre, molibdênio, dentre outros). A calagem, além de uma melhor nutrição das culturas, estimula um maior desenvolvimento do sistema radicular. E, quanto maior o volume de raízes em contato com o volume de solo, maior é a eficiência na nutrição das culturas.

Através do melhoramento genético, foram desenvolvidos cultivares com potencial de rendimento cada vez mais elevado, bem como a melhoria da qualidade dos grãos. Houve mudanças significativas na redução do ciclo dos cultivares e na redução da estatura de plantas, prevenindo o acamamento, e tornando-as mais responsivas à adubação. Outro aspecto importante é uma melhor adaptabilidade dos cultivares aos diferentes ambientes, a fim de permitir a expressão desse potencial genético. Na cultura do milho, foi significativo o aumento do potencial de rendimento, a partir do desenvolvimento de híbridos. A implementação do sistema plantio direto (SPD), a partir da década de 70-80, foi decisivo na redução drástica da erosão do solo, e na melhoria das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo. Melhorou assim a qualidade das águas, reduziu-se a necessidade de máquinas/equipamentos/mão-de-obra, e favoreceu a economia do diesel, das graxas e dos lubrificantes. Pesquisas realizadas demonstraram que as mobilizações do solo (aração profunda, grade de destorroamento, grade de nivelamento, semeadura, gradilha, capinadeira dirigida) provocavam uma perda de até 150t de solo fértil por ano, representando, além da perda da camada superficial do solo, a mais fértil, onde se concentram o calcário, os nutrientes e a matéria orgânica, também o assoreamento de rios, açudes, barragens e estradas. Mas não somente o produtor rural ganhou com isso, uma vez que o Sistema Plantio Direto contribuiu muito com a redução do efeito-estufa.

Entretanto, grandes perdas de rendimento ainda ocorriam devido a pragas (especialmente lagartas, pulgões, percevejos), moléstias e plantas daninhas. O controle de lagartas e percevejos em soja, necessitava de até 6 aplicações, com inseticidas altamente tóxicos, principalmente por estarem na forma de pó. Eram aplicados até 20-25 kg de inseticida por ha, enquanto que hoje esse controle é realizado com maior eficiência, menor contaminação ambiental e humana, usando aproximadamente 100-150 mL/ha. No controle de plantas daninhas para a soja, passamos da aplicação de até 5 produtos sequenciais, para apenas um produto, graças à utilização quase total dos cultivares transgênicos. Também houve uma eficiência significativa no controle de moléstias, integrando a resistência genética, o manejo e a utilização de fungicidas mais eficazes.

Na cultura da soja, a introdução de cultivares transgênicos representou uma das contribuições mais efetivas da biotecnologia, na produção vegetal. Certamente, não há registro, na história da agricultura, de uma adoção tão rápida e eficiente de uma nova tecnologia, como a transgênese. Grandes novidades virão num futuro próximo, quando os produtores terão à disposição cultivares com vários eventos transferidos, aliando altos potenciais de rendimento, qualidade de grãos, resistência a pragas e doenças, bem como tolerância a estresses abióticos, e especialmente, maior tolerância à deficiência hídrica.

Agora vivemos a fase da agricultura de precisão, a nanotecnologia na agricultura. Não se trata apenas da utilização de GPS em máquinas e equipamentos agrícolas, mas também da conjugação dos maiores avanços da informática, da engenharia mecânica e eletrônica, da comunicação, da biologia molecular, da fisiologia vegetal e da nutrição de plantas, proporcionando as condições mais adequadas ao melhor desenvolvimento das culturas, fazendo-o de forma rentável e sustentável.

Portanto, a continuidade, de crescentes rendimentos, será obtida pela interação de todos os fatores envolvidos, e não somente por fatores isolados. Pouco

adianta ter um GPS e deixar de fazer coisas simples, que são fundamentais no manejo das culturas.

(Elmar Luiz Floss é Engenheiro-Agrônomo, Licenciado em Ciências, Dr. em Agronomia, Professor, Comunicador, Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e Consultor em Agronegócios - Instituto Incia: www.incia.com.br.)

Data : 30/11/2012

Título : Alysson Paulinelli, um exemplo

Categoria: Artigos

Descrição: Estive, com muita honra, na última quarta-feira (24 de maio), palestrando a técnicos e produtores rurais, durante o ENTEC\$...

ELMAR LUIZ FLOSS

Estive, com muita honra, na última quarta-feira (24 de maio), palestrando a técnicos e produtores rurais, durante o ENTEC\$, promovido pela Fundação Lucas do Rio Verde (Mato Grosso), abordando o tema “Limites fisiológicos para o rendimento das culturas”. Era a comemoração dos “10 anos” de realização do ENTEC\$ (Encontro Nacional de Tecnologias de Safras), buscando a integração da produção ao consumo. A Fundação Rio Verde é uma instituição de pesquisa e difusão de tecnologias agrícolas, mantida pelos produtores rurais, e cujo trabalho é executado em parceria com instituições públicas e privadas. Como é uma forte “colônia gaúcha”, o chimarrão corria solto no auditório.

Foi um feliz momento de reencontrar o ex-Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, que palestrou antes de mim, sobre “A evolução da produção e a organização da cadeia do milho”. Um tema oportuno, no município de Lucas do Rio Verde, a Capital Nacional do Milho, em função da área cultivada e da produção obtida. Não é por acaso que a antiga Sadia, hoje BRFood, construiu nesse município o maior abatedouro mundial de aves e suínos, gerando mais de 6 mil empregos.

Alysson Paulinelli nasceu em Bambui-MG, em 10 de julho de 1936, filho do engenheiro agrônomo e produtor de café, Antônio Paulinelli de Carvalho, e de Adalgisa Lucchesi Paulinelli. Diplomou-se engenheiro-agrônomo na escola Superior de Agricultura de Lavras-MG, que era a Universidade Federal de Lavras-UFLA, em 1959. Seguiu a carreira docente na mesma Faculdade, lecionando a disciplina de Hidráulica, Irrigação e Drenagem, até 1971. Foi diretor da referida faculdade, de 1966 a 1971, período no qual também presidiu a Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior - ABEAS, de 1968 a 1969. De 1971 a 1974, foi Secretário de Estado da Agricultura de Minas Gerais.

Uma das suas marcas deixadas foi a implementação da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG. De 1974 a 1979, foi Ministro da Agricultura, no governo do Presidente Ernesto Geisel. Era um momento difícil da economia do Brasil, pois, desde 1972, o país sofria com o aumento expressivo do preço do petróleo. O valor passou de \$3,00 o barril, para \$11,00 o barril, em

poucos dias. Nessa época, o Brasil importava 80 % do petróleo consumido e era um importador crescente de alimentos.

Foi o Ministro que implementou a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa. Tratava-se de um projeto apresentado alguns anos atrás pelo gaúcho Luiz Fernando Cirne Lima, como Ministro da Agricultura, ao presidente Garrastazu Médici. Entretanto, poucas semanas depois, ele renunciou ao cargo. O primeiro centro de pesquisas inaugurado, em 1975, com a presença do Presidente Ernesto Geisel e também do Ministro Paulinelli, foi o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - CNPT, em Passo Fundo, (hoje Embrapa Trigo).

Também foi em seu governo que se criou no Brasil o Próalcool, suscitando, de forma pioneira no mundo, um modelo tão bem sucedido de produção de etanol combustível, a partir da cana-de-açúcar, que atualmente abastece milhões de automóveis.

Voltando a Minas Gerais, assumiu a Presidência do Banco do Estado de Minas Gerais, de 1979 a 1986. Então, elegeu-se Deputado Federal Constituinte, pelo PFL, atual DEM, exercendo o mandato de 1987 a 1991. Voltou ao cargo de Secretário da Agricultura e Abastecimento de Minas Gerais, entre 1991 a 1994. De 1992 a 1993, presidiu o Fórum Nacional da Agricultura, cujo objetivo era a elaboração de uma política agrícola para o Brasil. O projeto teve continuidade a partir de 1996, presidido pelo engenheiro-agrônomo Roberto Rodrigues, já no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Também foi presidente da Confederação Nacional de Agricultura - CNA. Desde 2011, é o presidente da Associação Brasileira do Milho - ABRAMILHO, sucedendo ao gaúcho de Getúlio Vargas, o ex-ministro e deputado Odacir Klein.

Conheci o sempre Ministro Paulinelli, em 1975 quando veio a Passo Fundo para a inauguração do CNPT. A convite do então diretor da Faculdade de Agronomia, Rodoaldo Damin, participei do encontro dos professores com o mesmo, e fiz uma breve apresentação da Faculdade. Ao longo dos anos, nos encontramos inúmeras vezes, em eventos pelo Brasil, como palestrantes ou participantes. Já fazia algum tempo que não o via, quando ele fez uma palestra extraordinária sobre a evolução da agricultura no Brasil, em especial, a evolução da cultura do milho, no Brasil Central. Por seu trabalho e exemplo, tem autoridade para cobrar o que ainda não está sendo feito pelo governo e enaltecer o trabalho realizado pelos produtores. Especialmente, a falta de investimentos em logística e o exagero da legislação ambiental aplicada aos produtores rurais.

Alysson Paulinelli é um engenheiro agrônomo, produtor rural e homem público, que orgulha a todos os envolvidos com o desenvolvimento do agronegócio, por seu trabalho como homem público, e igualmente na iniciativa privada.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 31/05/2011

Título : Ao Patrono Erico Veríssimo

Categoria: Artigos

Descrição: A vida é também uma sucessão de surpresas e agradáveis coincidências. Como cristão, acredito nos "desígnios" de Deus.

Ao Patrono Erico Veríssimo

ELMAR LUIZ FLOSS

A vida é também uma sucessão de surpresas e agradáveis coincidências. Como cristão, acredito nos "desígnios" de Deus. Em outubro de 2010, tive mais um desses momentos inesquecíveis. Nasci em AlfredoBrenner, então distrito de Cruz Alta. Lá estudei o primário, com professoras que vinham de Cruz Alta. E, orgulhosamente, com frequência falavam das obras deErico Veríssimo, o filho mais ilustre daquela cidade. Em 28 de fevereiro de 1956. Ibirubá se emancipou de Cruz Alta e Alfredo Brenner passou a ser distrito desse novo município. Eu tinha 6 anos e lembro que fui com meu pai e meu tio Olmiro Krammes, assistir a cerimônia e participar da festa. Saímos bem cedo, de carroça, percorrendo os 9 km de distância. Lembro do churrasco que comemos embaixo de um umbu, com aquele espeto de guamirin fincado no chão, e nós sentados no gramado.

De 1968 a 1970, fui cursar o científico no Colégio Estadual AntônioSepp, em Cruz Alta. Era a época em que estava sendo organizado o MuseuErico Veríssimo, na casa onde o escritor tinha nascido, em 1905. Por isso, os professores de português nos estimulavam a ler as obras de Erico, como o Tempo e o Vento. Incidente em Antares, Clarissa. Olhai os Lírios do Campo, entre outras. Em 1969, acompanhamos com muito orgulho a inauguração do Museu, com a presença do escritor e de muitas autoridades e escritores. Em 1975, Erico Lopes Veríssimo faleceu, deixando um legado de muitas obras que o colocam como um dos maiores e mais premiados escritores brasileiros, para orgulho dos gaúchos.

Em 1995, tive o primeiro encontro com escritor Luís Fernando Veríssimo, filho de Erico. Foi durante a Jornada de Literatura, realizada na lona de circo armada em frente à Prefeitura Municipal, onde hoje está o Bourbon. Numa semana, foi realizado o Seminário Internacional de Plantio Direto, e na outra, a Jornada de Literatura. Fui apresentado pela professora Tânia Rösing ao Luís Fernando. Falamos de nossas relações comuns com Cruz Alta e da paixão pelo Sport Club Internacional. Claro que parecia que eu já o conhecia há muito tempo, pois quando lemos os autores, nos tomamos íntimos deles.

Em 2004, fui lançar meu livro Fisiologia das plantas cultivadas - o estudo que está por trás do que se vê, na Feira do Livro de Porto Alegre. O evento foi marcado para as 16h de uma linda e quente tarde de domingo. Esse livro está na quarta edição, com aproximadamente 3.200 exemplares vendidos. Uma grande aceitação, em se tratando de um livro técnico. Ao chegar tal foi minha surpresa: ao meu lado, coincidentemente, Luís Fernando Veríssimo estava lançando seu livro Autobiografia de uma paixão, onde expressa sua ligação com o nosso Colorado. Mais uma vez, uma longa conversa com ele e sua esposa Lúcia. Enquanto autografei alguns livros, o Luís Fernando atendia filas de colorados.

No ano de 2010, por estímulo de diversas pessoas como, a amiga e sempre professora Santina Dal Paz, o Paulo Monteiro, a Elisabeth Ferreira, o Irineu Gehlen, o Osvandré Lech, o Alory Castilhos e o Gilberto Cunha, participei da seleção para preenchimento de 7 vagas na Academia Passo-Fundense de Letras. Doze escritores se inscreveram para disputar essas sete vagas. Tive a

felicidade de ser um dos escolhidos pelos atuais acadêmicos. E, no dia 21 de outubro daquele ano, quinta-feira, ao lado dos ilustres escritores. CarlosAntonio Madalosso, Diógenes Basegio, Marilise Lech, Mauro Gaglieti, OdilonGarcez Ayres e Sueli Gehlen Frosi, fui empossado como membro da Academia Passo-Fundense de Letras-APL.

Entretanto, na semana anterior, quando recebi os convites para a solenidade de posse, outra agradável surpresa. Ocuparia a Cadeira 24, que tem como Patrono Erico Veríssimo. Enviei um convite ao Luís Fernando, que estava em férias e, recebi tuna linda resposta, que divulgo:

Prezado professor Elmar:

Muito obrigado pela sua comunicação. Parabéns pela sua obra e pela merecida posse na Academia Passo-Fundense de Letras, na cadeira que tem como patrono o meu pai. Uma vitória no Grenal neste domingo, virá completar sua alegria, que compartilho. Mais uma vez obrigado, e um forte abraço.

Luís Fernando.

Que honra, mas também que responsabilidade fazer parte da Academia Passo-Fundense de Letras!

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 30/11/2012

Título : Aveia na “bucólica” Aberystwith

Categoria: Artigos

Descrição: Os principais meios de comunicação, no final de semana, noticiam as comemorações do aniversário da Rainha Elizabeth II, Chefe de Estado do Reino Unido.

ELMAR LUIZ FLOSS

Os principais meios de comunicação, no final de semana, noticiam as comemorações do aniversário da Rainha Elizabeth II, Chefe de Estado do Reino Unido. A monarquia inglesa se mantém, apesar dos inúmeros escândalos. E, a partir da Inglaterra, estende seu poder sobre muitos outros países, como a Escócia, a Irlanda do Norte o País de Gales. Todavia, os resquícios do grande Império Britânico ainda exercem forte influência, política e cultural, sobre o Canadá, a Índia, a Austrália e a Nova Zelândia.

Em 1985, tive a feliz e inesquecível oportunidade de conhecer o País de Gales, ao participar da II Conferência Internacional de Aveia, na cidade galesa de Aberystwith. A primeira se realizara em 1982, nos Estados Unidos. Seus objetivos consistem em congregar a comunidade científica internacional envolvida com a pesquisa da aveia.

Participei também das Conferências Internacionais de Aveia, em Saskatoon/Canadá (1996), em Helsinke/Finlândia (2004), em St.Paul/Estados Unidos (2008). E em Pequim/China, entre os dias 20 e 23 de junho de 2012.

Já estava em andamento, desde 1977, um Programa de Pesquisa de Aveia, na Universidade de Passo Fundo, com a criação de cultivares e o desenvolvimento de tecnologias de manejo e uso desse cereal. Em 1985, nas estatísticas da produção agrícola mundial, o Brasil já começava a aparecer. Por essa razão, e pela indicação do Dr. Hazel Lee Shands, professor emérito da Universidade de Wisconsin/EUA, também “patrono internacional da aveia”, fomos convidados a participar do evento e apresentar, de forma oral, o trabalho “Melhoramento genético da aveia, na Universidade de Passo Fundo, 1976-1984”.

Tive assim a felicidade de conhecer os principais pesquisadores de aveia dos mais diferentes países, e aprender muito com eles. Vi lavouras de aveiabranca, trigo e cevada-ERVEJEIRA, com potenciais de rendimento acima de 8t/ha. Na época, nossos rendimentos médios estavam próximos a 1800 kg/ha.

A oportunidade de conhecer um país absolutamente invulgar, foi pra mim inesquecível. A lembrança que eu tinha do País de Gales era o sofrido jogo pelas quartas-de-final na Copa do Mundo de 1958, com apenas 8 anos de idade, naquela difícil vitória do Brasil por 1 x 0. E, somente quando já estava na Alemanha, a fim de embarcar para Londres, procurei algo parecido com o “País de Gales”, mas não achei. Aprendi que o país, em inglês, chama-se Wales.

Todos os participantes chegaram a Londres pelo Aeroporto de Heathrow. Um ônibus da University College of Wales (hoje University of Aberystwith) nos levou até essa localidade, na região do Ceredigion, no longínquo País de Gales.

Uma cidade de, aproximadamente, 16 mil habitantes, mas com mais de 8 mil alunos na Universidade. O evento ocorreu em julho, durante as férias locais. Por isso, o movimento na cidade era muito pequeno. Ainda se fala oficialmente duas línguas: o inglês e o galês. Uma cidade “bucólica”, tanto nas construções como nos hábitos culturais. Todas as casas são de madeira na horizontal e pintadas de cor cinza. Elas não têm número de identificação, e sim o sobrenome da família que ali reside.

A praia é coberta por um pedrisco, e sem areia. Não fazia calor durante o evento, ficando a temperatura média do dia entre 14 e 20°C. Mesmo assim, durante a tarde a praia ficava lotada, pois a população tentava aproveitar os poucos dias de sol disponíveis, durante o ano. Assim, com tal temperatura, (para nós baixa para ir à praia), lá estavam as mulheres tomando banho de sol, e muitas de “topless”.

Outra característica marcante, resultado de muitas batalhas pelo domínio daquela região, são os prédios em ruínas, especialmente nas proximidades do porto, alguns reconstruídos e outros mantidos deliberadamente em ruínas, como motivo de atração turística. A alimentação básica é a carne de cordeiro, já que a região é grande produtora de ovinos. Também, em todas as refeições, havia para salada: “brotos” de alfafa.

Todos os participantes, aproximadamente 100, foram hospedados em belíssimos apartamentos individuais, na própria Universidade. A Conferência foi organizada em conjunto, pela Universidade de Aberystwith e pela Welsh Plant Breeding Station (“Estação Galesa de Melhoramento de Plantas”). Iniciou no domingo à noite e encerrou-se com um almoço, na sexta-feira seguinte. Depois todos voltaram a Londres. Foi uma das poucas vezes que a Rússia liberou seus pesquisadores para participar de eventos internacionais. Apesar da proximidade

com a Perestroika, ainda vivíamos no tempo da guerra fria. A falta de liberdade era marcante. Antes da apresentação de um trabalho por um pesquisador russo, ele, formalmente, pedia licença a um dos chefes que o acompanhava. Na hora dos questionamentos, nosso interlocutor repetia a pergunta ao chefe, em russo, e somente respondia quando era autorizado. Várias perguntas não foram respondidas.

Para conhecer um pouco mais sobre o interior do País de Gales e a Inglaterra, viajamos de Aberystwith a Londres, de carro alugado, juntamente com o Prof. Marshall Brinkman, da Universidade de Wisconsin. Passei o sábado em Londres, e no domingo fui de trem ao porto de Harwich, onde embarquei num navio para a Holanda, afim de visitar a famosa Universidade de Wageningen. Foi outra visita inesquecível, pois que a Holanda é verdadeiramente um jardim.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2013

Título : Brasil, a caminho de um apagão logístico

Categoria: Artigos

Descrição: Todos, políticos, produtores, industriários e imprensa, saúdam o recorde brasileiro de produção de grãos, estimado para a safra 2012/2013, de 185 milhões de toneladas (t).

ELMAR LUIZ FLOSS

Todos, políticos, produtores, industriários e imprensa, saúdam o recorde brasileiro de produção de grãos, estimado para a safra 2012/2013, de 185 milhões de toneladas (t). Os carros chefe dessa safra recorde são a soja (82 milhões t) e o milho (76 milhões de t), perfazendo aproximadamente 85% do total da produção brasileira de grãos.

Essa safra recorde é o resultado da interação dos principais fatores que influem na produtividade/rendimento das culturas que são as condições adequadas de solo (propriedades físicas, químicas e biológicas), clima favorável (chuva, insolação, temperatura, umidade relativa, etc.), genética diferenciada (cultivares com maiores potenciais de rendimento, melhor qualidade industrial e nutritiva, adaptados às diferentes condições de ambiente, resistência às principais e Tolerância a estresses abióticos) e a aplicação das modernas tecnologias de manejo das culturas, garantindo um equilíbrio nutricional e hormonal e a sanidade das plantas.

Nos últimos 20 anos (1993 a 2013) a produção brasileira de grãos aumentou de 68 milhões de t para 182 milhões de t, um aumento 268% no período, ou seja, mais de 9% ao ano. Essa elevação significativa da produção de grãos alimentícios tem garantido o abastecimento interno e a exportação de excedentes crescente, cujas divisas tem mantido a balança comercial brasileira positiva.

O maior desafio é levar essa produção recorde, da região produtora aos armazéns, portos e indústrias, num curto período de tempo.

Faltam armazéns

Nos países desenvolvidos, com políticas de segurança alimentar, a capacidade de armazenamento de grãos alimentícios chega ser duas vezes a capacidade produtiva anual. Além da segurança alimentar, a maior capacidade armazenadora representa um poder de barganha para o produtor comercializar sua safra com preços melhores, que normalmente, ocorrem na entressafra.

Graças aos investimentos e o empreendedorismo dos atores das cadeias produtivas de grãos, a produção brasileira cresceu significativamente nos últimos anos. Mas, a capacidade de armazenamento não acompanhou esses crescimentos. Os caminhões viraram armazéns de grãos. Quem viaja ao Mato Grosso, observa grandes quantidades de milho jogadas em montanhas a céu aberto ao redor de armazéns.

Enquanto a produção brasileira de grãos é estimada em 185 milhões de t temos uma capacidade de armazenamento, em condições técnicas adequadas, de apenas 143 milhões de t.

Já está provado, observando o que aconteceu com a Cesa no RS e os frequentes escândalos na Conab, que o governo, que não faz eficientemente uma política de saúde, educação, segurança e infraestrutura, não deve investir em armazéns públicos. O governo deve criar linhas de financiamento, a juros compatíveis e longos prazos, para que produtores, cooperativas, cerealistas e indústrias possam construir, de forma rápida e econômica, armazéns no Brasil, especialmente, nas novas fronteiras agrícolas.

Faltam caminhões

A maior queixa de produtores e empresários é de que faltam caminhões para transportar essa safra recorde. Estima-se que faltam, atualmente, 200 mil caminhões no setor do agronegócio brasileiro.

Por essa razão, o frete cobrado para levar uma tonelada de soja da região de Passo Fundo para o Porto de Rio Grande, que era no início da safra de 2013 de R\$55,00 subiu para R\$95,00, dependendo do município. O pagador desse custo é o produtor.

Portanto, a presidente Dilma Rousseff, ao lado do programa de incentivo a aquisição de carros através de isenção de impostos (IPI), recentemente prorrogado até dezembro de 2013, deveria ser aplicada na aquisição de caminhões. Novas oportunidades de trabalho e renda estariam sendo criadas para pelo menos 200 mil famílias.

No entanto, diante do caos das estradas já observado, imaginem com mais 200 mil caminhões circulando? Então, novos investimentos em rodovias e ferrovias é urgente. De novo, falta uma política de investimentos, por que o gasto do governo no custeio, consome cada vez mais os recursos arrecadados.

Por que o RS não tem estradas?

Quem viaja por outros estados brasileiros verifica com facilidade o quanto estamos mal de rodovias no Rio Grande do Sul. No estado de São Paulo, praticamente todas as estradas federais e estaduais estão duplicadas. O mesmo acontece também nas principais rodovias dos estados do Paraná e Minas Gerais.

Temos no Rio Grande do Sul, apenas duplicada, há muitos anos, a BR 101, entre Porto Alegre e Osório. É inaceitável a demora para a sua conclusão, anunciada ao tempo do Presidente Fernando Henrique Cardoso e ainda não concluída. O trecho da BR 101 no estado de Santa Catarina, Paraná e São Paulo está praticamente concluído.

A BR 386, conhecida como a Estrada da Produção ou Rodovia Governador Leonel de Moura Brizola, também já deveria estar duplicada. Uma rodovia da maior importância no escoamento da produção ao grande centro metropolitano e também ao Porto de Rio Grande. O curto trecho em duplicação, entre Porto Alegre e Estrela, é pouco pela importância e o movimento de caminhões e carros que apresenta.

Mesmo excluindo os problemas de imperícia de motoristas, a falta de duplicação e o crescente movimento, induz a acidentes com frequência cada vez maior. Não podemos nos confortar com essas tragédias.

O Brasil precisa de ferrovias

Na década de 50, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira iniciou a implantação das indústrias automotivas no Brasil, inclusive a indústria de pneus. A Fábrica Nacional de Motores-FNM, os primeiros caminhões, foi instalada no seu estado natal, Minas Gerais. A partir dessa época, as ferrovias brasileiras foram esquecidas e os investimentos públicos foram priorizados para o transporte rodoviário. No final da década de 50, começam as campanhas nacionalistas, defendendo a estatização das vias férreas.

O resultado dessa política foi o sucateamento da rede ferroviária brasileira, com participação cada vez menor no nosso transporte. O clímax da queda do transporte ferroviário, no Brasil. Em 1996, é realizada a privatização da rede, tendo como objetivo aumentar a participação do transporte ferroviário, considerando a incapacidade de investimentos federais. Foram privatizadas as linhas férreas e também os trens. Em várias regiões, as empresas privadas que adquiriram a rede, fizeram investimentos.

Mas, atendem apenas seus interesses, especialmente, no transporte de minérios. De maneira geral, ao invés dos desejados investimentos privados no setor, na maioria das regiões, a rede ferroviária encolheu. Mas, a partir do ano 2009, observa-se uma retomada, envolvendo governos municipais, estaduais e federais e a iniciativa privada. Com destaque para a construção da Ferrosul, que pode ligar o Porto de Rio Grande com o Porto de Belém do Pará ou Itaqui, em São Luis do Maranhão, construindo a Ferrovia Norte-Sul. Teríamos assim, uma verdadeira Ferrovia Norte-Sul. Lateralmente, essa linha férrea mestre estaria ligando as mais diferentes regiões brasileiras. Inclusive, a extensão ligando o Oceano Atlântico com o Oceano Pacífico, no Sul via Brasil-Paraguai-Argentina-Chile e no Centro-norte na via Brasil- Bolívia--Peru.

Contudo, pouco foi feito desde 2011. Certamente, precisamos eleger um Congresso Nacional não comprometido com o lobby rodoviário, para fortalecer o transporte ferroviário.

E, os portos?

Além da falta de caminhões, de estradas em boas condições de tráfego, a falta de maiores investimentos em ferrovias e a falta de capacidade de armazenamento, outro problema logístico sério no Brasil é a questão da insuficiência dos portos. Os investimentos realizados nos últimos anos foram muito aquém das necessidades diante do crescimento da produção nacional de grãos e carnes. Isso limita significativamente nossa competitividade no mercado mundial.

Assistimos frequentemente pela TV, as imagens de mais de 40 km de caminhões esperando descarregar soja em alguns portos brasileiros, especialmente em Paranaguá e Santos. Esse tempo perdido pelos caminhoneiros aumenta o custo, que representa menos renda aos produtores. E, no mar, muitos navios

esperando para carregar ou descarregar. Cada dia parado de um navio tem um custo entre 30 a 60 mil dólares. Há poucas semanas, vários navios da China foram embora do Brasil para carregar soja nos Estados Unidos, diante do longo período de espera. Coincidentemente, foi quando a queda no preço interno da soja se acentuou.

No mês de maio de 2013, o Congresso Nacional aprovou uma legislação portuária para o Brasil. O governo federal, finalmente, sentiu que há um grande problema para o desenvolvimento brasileiro que é a falta de portos que atendam a necessidade de exportação e importação. O crescimento vertiginoso da produção brasileira de grãos e os aumentos na exportação, criaram um verdadeiro colapso nos serviços portuários.

A primeira necessidade é a ampliação dos portos. Como o governo federal é um “paquiderma” (pesado e lento nas ações), a solução é a privatização paulatina dos portos, bem como, permitir a exploração dos serviços portuários pelas empresas privadas. A falta de investimentos, dos últimos anos, geraram esse problema. Não é fácil construir um porto. Estima-se que o licenciamento ambiental e legal de áreas costeiras para construção de portos demora aproximadamente 3,5 anos. A construção propriamente dita, outros 3,5 anos, para um Porto da capacidade de Santos, Paranaguá ou Rio Grande.

Portanto, uma vez sancionada a lei pela presidente Dilma Rousseff, considerando ainda a elaboração dos editais de licitação, não teremos um novo porto antes de 2020. Se a produção brasileira de grãos e quantidades exportadas, continuar crescendo na ordem de 7% ao ano, em 2020, a necessidade terá aumentado em 60%.

Portanto, o caos portuário é inevitável, por que os governos se preocupam mais com o custeio, com as eleições (a busca da perpetuação no poder) e sem planejamento de investimentos a médio e longo prazo. Obras que, obrigatoriamente, são mais longas que os mandatos.

A excessiva burocracia

No grande Seminário sobre Cenários e tendências do Agronegócio, realizado no dia 25 de abril de 2013, na Casa da Cultura de Marau, o ex-ministro da Agricultura Francisco Sérgio Turra, mostrou que o Brasil ocupa o lugar 135 no mundo, quanto a infraestrutura em portos. Mesmo considerando os países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), estamos em último lugar. A melhor estrutura de portos é da África do Sul (52º no mundo), seguido de China (59º), Índia (80º) e Rússia (93º).

O descarregamento de cargas especiais em portos brasileiros demora aproximadamente 10 dias, sendo 5,5 dias de trâmites burocráticos e 4,5 na operação de descarregamento propriamente dita. São vários órgãos públicos que necessitam aprovar, distantes um do outro.

Outro fator inexplicável é que a alfândega ou aduana não funciona 24h, como deveria. Somente atendem, no horário comercial. Isso que tem um decreto, assinado em 1966 pelo então presidente Castelo Branco, determinando que as aduanas alfandegárias funcionem 24h por dia. Até hoje não foi regulamentado, principalmente, devido ao corporativismo dos sindicatos portuários. Se a presidente Dilma colocar em prática esse decreto, ganhamos, de um dia para outro, uma capacidade portuária equivalente a um porto de Paranaguá.

Portanto, isso não depende de verbas e sim de vontade política.

(Elmar Luiz Floss é Eng.- Agr., Licenciado em Ciências, Dr. em Agronomia e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2012

Título : Crescimento econômico de Passo Fundo: público ou privado?

Categoria: Artigos

Descrição: A cidade de Passo Fundo apresenta, nos últimos anos, um ritmo de crescimento econômico superior à média do Estado do Rio Grande do Sul.

ELMAR LUIZ FLOSS

A cidade de Passo Fundo apresenta, nos últimos anos, um ritmo de crescimento econômico superior à média do Estado do Rio Grande do Sul. As causas desse crescimento são as divisas obtidas com o agronegócio, os serviços de saúde, de educação e com os serviços públicos.

São recursos financeiros que vêm de fora, para gerar emprego, impostos e renda, em nosso município. Esses recursos financeiros também alimentam os setores “meio”, como o comércio e a indústria imobiliária. Somente há comércio forte e procura por imóveis, quando a renda da sociedade aumenta.

Esses setores são grandes geradores de empregos e renda, somente quando os demais setores econômicos vão bem.

O agronegócio vive, nos últimos dois anos, um dos melhores momentos de toda a sua história. Foram dois anos de safra recorde e, ao mesmo tempo, de bons preços. O crescimento de Passo Fundo e da região depende, diretamente, do crescimento de toda essa cadeia. Em Passo Fundo, as principais indústrias geradoras de empregos, renda e impostos, são ligadas ao agronegócio: Semeato, Kuhn-Metasa, BsBios, Italac, Doux-Frangosul, Bünge, Cotrijal, Mecânica Bandeirante, dentre outras. Essa cadeia também movimenta grandes empresas fornecedoras de insumos (fertilizantes, herbicidas, inseticidas, fungicidas, etc.), cerealistas de abrangência regional, revendas de máquinas e equipamentos agrícolas de todas as marcas, grande frota de caminhões, comércio de combustíveis e lubrificantes, agropecuárias, além de outros serviços. Também é um centro de geração e difusão de tecnologias, fundamentais para a produção vegetal e animal, com a Embrapa/Trigo, a Universidade de Passo Fundo, a Emater, Brasmax, a Or Melhoria de sementes, a Biotrigo, a Ambev, a Fundação Pró-sementes, a Seeds-Laboratórios e Pesquisa Agrícola, a Pioneer (Campo Experimental em Coxilha), que são as mais representativas.

Os serviços de saúde também são grandes geradores de divisas, para o crescimento econômico de Passo Fundo. Milhares de pessoas, mensalmente, se deslocam de mais de 400 cidades, do Brasil e também do exterior, para aqui usufruir dos serviços hospitalares, dos laboratórios, clínicas e profissionais das mais diferentes especialidades. São milhares de empregos gerados, além de renda e impostos para Passo Fundo.

Como a maior parte dos recursos, públicos ou privados, para pagamento desses serviços, vêm de fora, está aí outra importante fonte do crescimento econômico de nosso município.

Merece também ser mencionado outro setor que gera divisas, para o crescimento de Passo Fundo, que são os serviços de ensino. Anualmente, milhares de jovens, das mais diferentes regiões, vêm cursar o ensino superior ou o ensino médio particular, nas inúmeras instituições aqui existentes. Tais estudantes, além do desembolso de recursos financeiros para o pagamento das semestralidades, também adquirem ou alugam imóveis, investem em alimentação, vestuário e lazer, além de despesas no comércio, realizadas por alunos e seus familiares.

Finalmente, por ser um pólo regional, há aqui a disponibilidade de serviços públicos, federais e estaduais. Sua manutenção é efetuada com recursos vindos de fora. E atraem para cá, anualmente, milhares de pessoas de toda a região, que são obrigados a vir a Passo Fundo para buscar esses serviços nas delegacias ou coordenadorias regionais.

Portanto, o planejamento de um município, a curto, médio ou longo prazo, requer o conhecimento dos gestores dessas relações de causa e efeitos. Não se pode dizer que esse crescimento é sinônimo de desenvolvimento, uma palavra mal utilizada, com tanta frequência, pelos gestores públicos. Não se pode falar em desenvolvimento, numa cidade em que milhares de crianças não têm creche; onde falta uma política digna para os idosos; onde o ensino fundamental do Município têm desempenho abaixo da média, nas avaliações; onde as ruas estão esburacadas de ponta a ponta; onde os graves problemas de trânsito são apenas protelados, a saúde pública apresenta índices abaixo da média regional, e o aeroporto não recebe as melhorias necessárias.

O que vai bem em Passo Fundo é o setor privado, enquanto o público está muito aquém do que a comunidade merece. É preciso que os gestores públicos se dêem conta de que aquilo que está sendo feito, nos serviços públicos municipais, não é suficiente para atender a demanda crescente da sociedade.

O crescimento econômico gerado pelo setor privado tem proporcionado aumentos recordes, na arrecadação de tributos pelo município. Portanto, o problema não é falta de dinheiro. É ineficiência de gestão.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Expodireto Cotrijal: um marco do agronegócio

Categoria: Artigos

Descrição: A Expodireto Cotrijal já é uma das maiores exposições/feiras do agronegócio brasileiro, ao lado do Show Rural Coopavel (Cascavel-PR) e da Agrishow (Ribeirão Preto-SP).

ELMAR LUIZ FLOSS

A Expodireto Cotrijal já é uma das maiores exposições/feiras do agronegócio brasileiro, ao lado do Show Rural Coopavel (Cascavel-PR) e da Agrishow (Ribeirão Preto-SP). A denominação Expo (exposição) + direto (plantio direto), não é por acaso. Para entender seu significado, precisamos examinar o contexto em que ela é projetada, ainda na década de 90, e os objetivos buscados no evento, já plenamente alcançados durante as dez edições anteriores.

Com certeza, a Expodireto Cotrijal contribuiu, enormemente, com a evolução do Agronegócio regional, não apenas consolidando o Sistema Plantio Direto –SPD, através do aumento do rendimento das culturas, da integração da lavoura-pecuária, da melhoria do ambiente, mas, especialmente, no aumento da rentabilidade da propriedade.

Certamente, a maior revolução ocorrida na agricultura brasileira, nos últimos 30 anos, foi passar do plantio convencional para o Sistema de Plantio Direto-SPD. Inúmeros foram os eventos realizados, em Passo Fundo, a partir da década de oitenta, difundindo tecnologias do SPD, aos produtores rurais: 1º. Simpósio de Conservação de Solos do Planalto, 1978; IIº. Simpósio de Conservação de Solos do Planalto, 1980; I Simpósio de Manejo do Solo e Plantio Direto no Sul do Brasil, 1984; e I Seminário Internacional do Sistema Plantio Direto, 1995. Sob a liderança da Embrapa Trigo, diversas empresas criaram o Projeto Metas, que também foi fundamental na difusão do SPD na região.

Na década de 90, faltavam na região eventos com demonstração de métodos e, especialmente, a dinâmica de máquinas e equipamentos agrícolas. Apesar da Expointer ser uma grande exposição/feira de máquinas e equipamentos, não havia dinâmica. Por isso, o Eng. Agr. e produtor rural, Ronald Bertagnoli, coordenou a AGROPASSO, durante a realização da 6ª. EFRICA, em 1997, com a participação de 15 empresas.

Infelizmente, o excesso de chuva atrapalhou a realização de todas as dinâmicas previstas. No final do evento, Ronald Bertagnoli destacou que “a AGROPASSO deverá tornar-se uma das maiores feiras dinâmicas do extremo Sul, pois Passo Fundo caracteriza-se por ser um pólo difusor de tecnologia agrícola”.

A Expodireto foi idealizada pelo saudoso Eng. Agr. Gilberto Borges, com a primeira edição realizada no Centro Rural de Ensino Supletivo-CRES, em Carazinho. Na impossibilidade da realização da segunda edição naquele colégio, a ideia foi imediatamente aceita pela Cotrijal, graças ao espírito empreendedor de sua diretoria, que fez os investimentos necessários e realizou a primeira edição da Expodireto Cotrijal, nos dias 21 a 24 de março de 2000. Nas dez edições realizadas, de 2000 a 2009, a Expodireto Cotrijal transformou-se num dos principais eventos do agronegócio brasileiro, e, com certeza, o mais bem organizado. O investimento realizado pela Cotrijal, a grandeza do projeto e as parcerias formadas, fizeram com que esse evento já nascesse grande. A cada nova edição, ele se supera, sob os mais diferentes pontos de vista: número de expositores, visitantes, qualidade dos estandes, difusão de tecnologias. E ainda: decisões políticas, dinâmicas de máquinas e equipamentos, integração regional, e a importância crescente manifestada pelas autoridades, nacionais e internacionais, que a visitam, graças à organização e à inovação implementadas em cada nova edição. A área de exposições também aumentou de 24 para 84 ha, muito bem ajardinados e com adequada infraestrutura.

A Expodireto retrata o nível tecnológico atual da agricultura regional e nacional, difundindo as tecnologias adequadas ao momento atual e ao futuro.

Os milhares de produtores que, anualmente, visitam a Expodireto, têm a oportunidade de aprender, vendo as mais diferentes parcelas demonstrativas, instaladas pelas cooperativas e universidades, pela Embrapa e a Emater, e por empresas industriais do setor de insumos, de máquinas e equipamentos agrícolas, de dinâmicas de máquinas, e ainda das palestras técnicas e cursos realizados.

Um aspecto importante da Expodireto é o social, que contribui com a fixação do homem rural no campo. Considerando a predominância de pequenas propriedades na região, é de enorme importância a busca de alternativas, técnica e economicamente viáveis, objetivando a sustentabilidade das mesmas. A manutenção das famílias no meio rural, em condições dignas, propicia a produção dos alimentos de subsistência pela própria família, permitindo um nível de nutrição melhor do que recebem os favelados na área urbana. A comercialização do excedente produzido representa uma renda complementar para a família para satisfação de outras necessidades.

A Expodireto já é o principal Fórum de discussão dos problemas do Agronegócio brasileiro. A interação, entre os agentes públicos, empresários e produtores rurais, é condição indispensável à resolução dos problemas e à busca das melhores soluções. Ao longo desses 10 anos, foram discutidas as mais diferentes questões do setor rural, não importando o tamanho da propriedade nem a forma de exploração. Foram buscadas soluções para problemas como: a estiagem de 2004 e 2005, a renegociação de dívidas, a liberação do cultivo da soja transgênica, a redução das taxas de juros, a abertura de novas linhas de crédito para aquisição de máquinas, além de políticas para irrigação, seguro-agrícola e equipamentos agrícolas, entre outros. São tradicionais os eventos paralelos, como o Fórum da Soja, o Fórum Estadual do Leite, o Seminário Nacional de Suinocultura, a Conferência Mercosul sobre Agronegócio, o Fórum Nacional do Milho e o Fórum Florestal, entre outros.

A realização anual da Expodireto promoveu, de forma extraordinária, a Cotrijal, bem como o município de Não-Me-Toque. A Cotrijal tornou-se uma referência nacional do cooperativismo, por tratar-se de uma forma de associativismo fundamental para os produtores rurais. A cidade de Não-Me-Toque é conhecida hoje em todo o Brasil, graças à divulgação do evento pelos jornais, rádios e emissoras de televisão.

(Elmar Luiz Floss é Engenheiro-Agrônomo, Licenciado em Ciências, Doutor em Agronomia, Professor, Comunicador, Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e Consultor em Agronegócios - Instituto Incia: www.incia.com.br)

Data : 31/05/2011

Título : O medo do novo

Categoria: Artigos

Descrição: Comemorou-se em 2009, os 200 anos de nascimento de Charles Darwin que, em 1859, emitiu a sua revolucionária teoria sobre a evolução, através do livro A origem das espécies.

O medo do novo

ELMAR LUIZ FLOSS

Comemorou-se em 2009, os 200 anos de nascimento de Charles Darwin que, em 1859, emitiu a sua revolucionária teoria sobre a evolução, através do livro A origem das espécies. Evidentemente, como toda idéia absolutamente nova, quebrando paradigmas milenares, a mesma foi rechaçada. Até hoje, por fanatismo de algumas seitas religiosas ou por conservadorismo, há escolas em vários países do mundo, em que os livros de biologia que falam da teoria da evolução de Darwin são citados, mas estão proibidos.

A mesma incompreensão sofreu Galileu Galilei, quando seus estudos de Física na Universidade de Pádua mostraram que a Terra não era o centro do universo e sim o Sol. Somente depois de séculos foi reconhecido o valor de sua teoria, já perfeitamente aceita pelos estudiosos de Astronomia. Então, veio o pedido de desculpas, como se isso apagasse todo sofrimento que Galileu sofreu, durante o final de sua vida.

O medo do novo é uma característica do ser humano. A história tem inúmeros registros de fatos em que os seres humanos se envolveram equivocadamente em lutas, meramente por questões de fanatismo ideológico, político ou religioso. Aqui entre nós também há inúmeros exemplos desses equívocos, como a campanha contra a calagem, a vacinação, o uso da pílula anticoncepcional, a fertilização "in vitro", e, mais recentemente, os transgênicos.

Os solos da região, como de resto a maior parte dos solos brasileiros, são, por natureza, extremamente ácidos e com elevados teores de alumínio, que é tóxico às plantas e aos animais que se alimentam dessas plantas. No início da década de 60, através de um convênio da Faculdade de Agronomia da UFRGS com a Universidade de Wisconsin (EUA), foram iniciadas as primeiras pesquisas e a implantação da calagem em nosso estado. Essa Universidade, na época, era uma referência mundial, no domínio da tecnologia de correção e adubação de solos.

Quando os primeiros pesquisadores começaram a abrir buracos nas lavouras da região, para amostragem de solo, que seria analisado em Porto Alegre, já pejorativamente receberam o apelido de "tatus". Daí em diante a campanha de correção da acidez do solo passou a ser conhecida por Operação Tatu. Essa foi a primeira grande revolução da agricultura regional, que transformou campos de barba-de-bode, absolutamente improdutivos, muna das regiões mundiais de maior produção de grãos, carne e leite, considerando a possibilidade climática existente, de realização de duas safras por ano. A calagem era uma técnica absolutamente nova, já usada há muitos anos. em vários países do mundo. Quando os holandeses vieram à região de Não-Me-Toque, já conheciam em seu país a importância da calagem e do uso de fertilizantes nas lavouras, na busca do aumento de rendimento das culturas. E não entendiam como aqui essas técnicas ainda não eram utilizadas.

Mas a calagem era a aplicação de Toneladas de calcário moído, nas lavouras. E, aplicar pedra moída nos solos era visto com muita desconfiança pelos produtores, conservadores por natureza. Os técnicos que difundiram e orientaram a calagem sofreram as mais diversas campanhas difamatórias. Entre essas, dizia-se que a calagem era uma estratégia "dos imperialistas norte-

americanos, que queriam deixar os solos com deficiência de manganês, a fim de reduzir a fertilidade das mulheres, e assim fazer o controle da natalidade". De fato, uma das razões do baixo desenvolvimento das culturas, em solos ácidos, é a disponibilidade em excesso de manganês no solo. Esse mesmo manganês, que é essencial para as plantas, também é essencial para os seres humanos e outros animais, mas em quantidades extremamente pequenas. Uma das funções do manganês nos animais é a atuar na reprodução.

Certamente, não existe nada pior do que partir de premissas verdadeiras para impor o medo, através da extrapolação de seus efeitos, sem comprovação científica. Já se passaram quase 50 anos da introdução da calagem em nossas lavouras e, há muito mais tempo, nas mais diferentes regiões do mundo. Mas não há unia só evidência de que "a calagem era um método diabólico de fazer controle de natalidade, em países sub-desenvolvidos".

(Elmar Luiz Floss é Engenheiro Agrônomo, Licenciado em Ciências e Doutor em Agronomia. Professor Emérito e Consultor em Agronegócios. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 30/11/2012

Título : Querência-MT – Tchê!

Categoria: Artigos

Descrição: Estive fazendo uma palestra em Querência, no Mato Grosso, localidade a 220 km adiante de Canarana.

ELMAR LUIZ FLOSS

Estive fazendo uma palestra em Querência, no Mato Grosso, localidade a 220 km adiante de Canarana. O município tem um milhão e 800 mil há de área, sendo a maior parte ocupada pela reserva indígena do Xingu, já nas proximidades do Pará. Na próxima safra de verão, serão cultivados mais de 300 mil ha de soja, nesse município. Trata-se de uma região de colonização, que iniciou há aproximadamente 40 anos. Muitos gaúchos diretos, e paranaenses, oriundos do RS, aqui se estabeleceram. Assim, não poderia faltar um grande e lindo Centro de Tradições, o CTG Pousada do Sul.

A região se constitui numa transição entre o Ecossistema Cerrado e o Ecossistema Amazônico, onde há muito calor e chuva no verão. Uma estufa a "céu aberto", como me definiu um produtor gaúcho, oriundo de Crissiumal. O município fica, aproximadamente, a mil km da capital do estado, Cuiabá.

A estrada melhorou muito neste ano, comparado ao ano passado, quando estive em Canarana. Por isso, há grande expectativa com o início de operação do Aeroporto, em Água Boa, que vai aproximar a região do Sul do Brasil. Para se

ter uma ideia, os principais centros médicos e de saúde ficam em Ribeirão Preto e Barretos, no estado de São Paulo. Novas fronteiras agrícolas

Com os preços recordes da soja, no mercado, a área a ser cultivada no próximo verão, será aproximadamente 27% superior à área cultivada no último ano. O Brasil ainda tem muito espaço que pode ser incorporado à agricultura. Somente no MT, estima-se a incorporação de mais 7 milhões de há, em curto período de tempo. Isso tudo dentro das rígidas leis ambientais, previstas no novo Código Florestal.

As áreas a serem incorporadas são, principalmente, de pastagens degradadas. Trata-se de áreas extensivas, inicialmente desmatadas para implantação de pastos e criação de bovinos de corte.

Mas, devido ao manejo incorreto, essas pastagens se degradaram, com baixa produção “animal”, não conseguindo competir com a moderna e rentável produção de grãos. Todavia, isso não significa que haverá redução importante na da criação bovina. As fazendas que continuarão são aquelas que usam melhor tecnologia no manejo de pastagens. Inclusive os grandes confinamentos, altamente rentáveis, que existem em pleno MT.

O Brasil precisa de ferrovias Quanto mais a gente conhece o Brasil Central, e suas enormes potencialidades na produção de alimentos, tanto para o mercado interno como externo, percebe-se a fragilidade da logística. Praticamente, todo o transporte de insumos, bem como o de grãos, é feito por caminhões que percorrem grandes distâncias. E os elevados custos desse transporte reduzem, obviamente, a competitividade.

Em todos os países desenvolvidos, emprega-se o trem para essa finalidade. No Brasil, infelizmente, os investimentos se concentram somente no transporte rodoviário. Nos anos de 2009 e 2010, houve um grande movimento, em favor de investimentos em ferrovias. No RS, a luta era pela extensão da Ferrovia Norte/Sul, que uniria os portos de São Luiz, no Maranhão ou de Belém, no Pará, aos portos de Rio Grande, Santos e Paranaguá. Mas, passada a eleição, presidencial, de governadores, senadores e deputados, praticamente o assunto foi esquecido.

As poucas obras em andamento estão muito longe das necessidades. A grande obra ferroviária que está sendo gestada, no Governo Federal, é o trem-bala, unindo São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo especialistas na área, esse custo pode chegar a 68 bilhões de reais. Isso para levar, no máximo, 150 paulistas de SP ao Rio de Janeiro, e 1500 cariocas a SP, por dia. Mas a passagem será subsidiada em 50% de seu custo.

Portanto, todos os brasileiros pagarão mais impostos, a fim de ajudar não mais de 3.000 viajantes por dia. E o pior: nossos filhos, netos, bisnetos e demais gerações pagarão impostos, para custear esse subsídio.

Seria muito mais viável ampliar os aeroportos de Guarulhos e do Galeão, e o assunto estaria resolvido. Bastam mais seis vôos diários a mais por dia, para garantir o deslocamento dessa população.

E, sem subsídios. Com 25% desse valor poderiam ser concluídas as grandes ferrovias reclamadas a tantos anos, a fim de unir Sul/Norte, e Leste/Oeste. Tais ferrovias aumentariam a competitividade da agricultura brasileira, ampliando enormemente as exportações. Também sem subsídio. Ao contrário do trem-bala, essa iniciativa trará vantagens aos nossos descendentes, com o desenvolvimento do país.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)